

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$600	\$950	\$120
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 941

20 DE FEVEREIRO DE 1905

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Imp. de Ferrelra & Oliveira, Lt.ª — Rua d'Alegria, 100

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



BUSTO DE S. M. EL-REI D. CARLOS I

DESTINADO À SALA DAS SESSÕES DA SOCIEDADE PORTUGUEZA DE BENEFICENCIA DO RIO DE JANEIRO

(Esculptura do sr. Costa Motta)

Chronica Occidental

Como o que se está passando na Russia é lá muito longe e os negócios de casa sempre nos interessam muito mais, nem a tragica morte do Gran duque Sergio, nem as consequências necessarias do attentado, nem sequer o silencio da maior parte dos jornaes quanto á censura dos elementos revolucionarios, silencio eloquentissi-

mo, nada poz por emquanto em segundo plano de conversações as eleições que se fizeram cá no paiz, domingo, doze d'este mez.

E não deixa de haver motivo para isso, sobretudo lembrando-nos do que succedeu nas principaes cidades, Porto e Lisboa. Ali foi a força armada que impediu que as mesas se formassem com representação republicana, aqui foram os republicanos que havendo ganho formidavel maioria nas assembléas dentro de portas, viram a eleição perdida pelos votos monarchicos nas assembléas ruraes.

Entretanto deu-se em Lisboa, um caso estranho. E' que a victoria moral é cantada por todos, até pelos proprios regeneradores que alcançaram um numero de votos muito inferior ao que todos suppunham. Parece impossivel que sendo as mathematicas sciencias exactas, se possa dos numeros fazer o que a cada qual lhe apetece, tal qual um prestigeador. Verdade é que as eleições teem o que quer que seja — e isto sempre — das artes de magia branca ou negra.

As irritações nem por isso deixaram de envolver-se com os cantos de gloria. A victoria moral, como lhe chamavam, uns com verdade, outros com rhetorica e sophismas, não era tão consoladora que desse bons sonhos aos que de facto eram vencidos. Logo no dia seguinte, foram as eleições e os processos do governo atacados com a maior das violencias pela maior parte dos jornaes, e até por alguns desde ha muitos annos defensores constantes dos governos progressistas.

A maior victima dos odios desenfreados tem sido o sr. presidente do conselho, José Luciano de Castro, que continua a ser atacado com a maior violencia por muitos jornaes do paiz.

Tem-se falado em crise, que alguns addiam para março, mez aliás muito proximo. No que não se está por emquanto de accordo é nas victimas. Dizem uns que será immolado á opinião publica o sr. José Luciano; dizem outros que elle está de cal e areia amarrado ao poder e que serão sacrificados os srs. Pereira de Miranda, Alpoim, Espregueira e Eduardo José Coelho, nem mais nem menos.

Seja como fôr, o alvo presente de todos as accusações é o sr. presidente do conselho e ha muitos annos que em Portugal não se dava assim um tão feroz ataque. Começou pela sua protecção á Companhia dos Tabacos, continua pela fórma por que se realisaram as eleições.

Nem o *Commercio do Porto*, jornal moderadissimo, nem o *Primeiro de Janeiro*, que sempre defendeu a politica progressista e cujo correspondente em Lisboa é o sr. José Maria de Alpoim, o pouparam n'esta occasião. Em ponto pequeno, o sr. José Luciano lembra o Czar, cujo despotismo levantou a Russia inteira. Pois nem em pouco nem em muito, o exemplo, como demais se está vendo, parece para seduzir.

Muitos crêem que o tribunal de verificação de poderes annulará a eleição de Lisboa, ou, pelo menos, mandará proceder a novas eleições em certas assembléas. Caso tão raro, se vier a dar-se, será para meditação de muitos.

Não succederá com a politica como com aquelle soldado do 16 agora condemnado á morte, pena que El-Rei decerto commutará. Na politica uma condemnação á morte não deve ter que esperar do poder moderador.

Só as futuras festas do carnaval teem vindo fazer uma diversão ao assumpto echoante da politica. Não se estará tão fóra do assumpto como poderá parecer á primeira vista e seria cahir realmente na maior banalidade explicar agora porquê. Com mais ou menos sinceridade, n'um e n'outro campo, abundam as mascaras; a grande differença está apenas na côr dos risos, muito mais amarellos na politica do que nos *chechês* de entrudo.

Diz-se que em março deverá a supposta crise ser resolvida. Será assim nas vespéras da grande animação que se espera deverá haver no Chiado e na Avenida, onde as melhores mascaradas deverão apparecer. Diz-se que haverá magnificas surpresas na batalha das flores em que tomarão parte, adherindo aos convites que lhes foram

distribuidos, todas ou a maior parte das empresas theatraes de Lisboa.

Do tal entrudo que se chamou civilizado, diga-se a verdade, não tivemos razão de queixa. Mulheres e crianças puderam o anno passado passear por todas as ruas de Lisboa sem temer certas brutalidades que d'antes se praticavam e que só eram proprias de selvagens: cabeças e dentes partidos e olhos vasados era o que havia de mais vulgar.

A politica que absorveu todas as atenções descançará talvez n'esses tres dias e nos dará a nós descanso, o que não será sem tempo.

Foi no anno passado, se não nos enganamos, que um velhote de barbas brancas, figurando S. Magestade o Entrudo, esteve n'uma tribuna da Avenida vendo desfilar os cortejos. Pois volte e, para distrahir os serumbaticos, mande calar por tres dias os jornaes. Tambem elle tem direito á vida, e não somente os que lhe voltaram a cara, não o reconhecendo por muito proximo parente.

Os theatros todos de Lisboa preparam-se para esses dias que lhes costumam dar alegria ás bilheterias, que, coitadas d'ellas, por tantas angustias teem passado, apesar do «muito bem, muito obrigado» dos reclamos.

Em quasi todos haverá bailes de mascaras que serão a sensaboria do costume. Mas isso não quer dizer nada: hão de encher-se que nem os pares poderão dar dois giros de valsa sem pisar os calos dos curiosos.

Annuncia-se no theatro D. Amelia uma revista de que é auctor Alvaro Cabral e na qual devem figurar todos os artistas da companhia. Alvaro Cabral é muito conhecido pelo seu espirito e decerto não o poria de parte na comedia para o theatro em que representa.

Os outros theatros tambem vão preparando seus espectaculos para esses dias, representações aliás que o publico costuma interromper, dando mais importancia ao que se passa na sala do que ao representado pelos actores.

O que mais, porém, tem excitado curiosidade e sido assumpto para os ratos de caixa, não é o que este anno se passou e o que este anno vai passar-se. Muito mais que da estreia da rabequista, que hoje deve realisar-se no theatro D. Amelia, se tem ultimamente falado de que n'este theatro veremos para o anno, sabida como está a ligação do Visconde de S. Luiz com o sr. Sousa Bastos. Repertorio variadissimo havemos de ter, dramas com Brazão e magicas, operas comicas e revistas com Alfredo de Carvalho e Palmira Bastos. Já de varias peças se tem fallado, entre as quaes figuram tres originaes portuguezes. Auctores e musicos já se vão preparando.

Esperam-se espectaculos de alta novidade, por muito que a novidades já a empresa do theatro D. Amelia nos tenha costumado.

Ainda ha poucos dias d'aqui sahio o phenomenal pianista de dez annos, Miccio, que tocava magistralmente, já conhecedor dos segredos que deram a immortalidade a genios como os de Back, Beethoven, Chopin e Schumann. Anda agora a passear o mundo, como o fizera Mozart n'aquella idade tambem. Deus lhe dê genio igual e melhor sorte.

Nem sempre os musicos são felizes. De quantos se contam, ou porque muito novos morreram ou porque seus nervos lhes não consentiram saber gosar da vida, historias romanescamente tristes! Leiam as vidas de Chopin e de Beethoven.

Horas bem tristes está agora passando um dos melhores musicos portuguezes, o auctor da *D. Branca*, da *Irene* e da *Serrana*, Alfredo Keil. Como deve seu coração estar ferido pela morte de sua muito querida e velha mãe! Deve sentil-a como filho ternissimo, como foi sempre, e como artista, que artistas sabem sentir dobradamente.

E' o sentimento muita vez que os leva para a arte, e até áquelles mesmos que, depois, melhor fazem as obras de pensamento.

Teem sido ultimamente muito fallados entre nós os escriptores russos, já porque é moderno em Portugal o conhecimento que d'elles temos, já porque a perseguição de que teem sido victimas chamou em seu favor a attenção do mundo inteiro.

Uma d'estas noites realisou-se na sala da Sociedade de Geographia uma conferencia sobre Gorki, cuja obra foi analysada pelo nosso amigo dr. Consigliieri Pedroso, applaudidissimo pela numerosa assistencia.

Que quadros tristes foram vistos a desenrolar-se n'aquella Russia em que tantos soffrem e ainda mais aquelles que se revoltam contra o padecer de seus irmãos!

E é o mundo tão pequeno, e tanto ao pé de nós se derramam lagrimas, e é possível esquecel-as,

e rir, e folgar nas ruas e em bailes de mascaras!

Verdade seja que toda essa alegria é mais ficticia do que real, como quasi todas as d'este mundo, como quasi todas as que fazem barulho.

Alegria boa foi a do cauteleiro manhoso que, pelo sim, pelo não, ia ver andar a roda, com alguns numeros na algebeira. Se saham premiados guardava-os, se não, sempre esperava encontrar algum innocente que lhe ficasse com as cautelas ou bilhetes avariados já com algumas probabilidades a menos. Sahiu-lhe d'esta vez a sorte grande na primeira meia hora. Para elle já não é uma coisa que só saia aos outros.

João da Camara.

BUSTO DE SUA Magestade EL-REI D. CARLOS

O busto de Sua Magestade El-Rei D. Carlos que reproduzimos na nossa primeira pagina, é mais uma obra notavel do eximio escultor portuguez sr. Costa Motta, cujos trabalhos são já bem conhecidos e muitos teem sido reproduzidos no OCCIDENTE.

Este busto foi encomendado pelo sr. conde de Agrolongo, para o offerecer á Sociedade de Beneficencia Portugueza do Rio de Janeiro, de que o digno titular foi presidente, concorrendo assim para maior realce dar áquella Sociedade, uma das mais importantes e respeitaveis da grande colonia portugueza no Brazil.

Muitas dedicações e sacrificios representam estas sociedades, que os portuguezes teem fundado n'aquelle vasto paiz, onde com trabalho e esforço vão contribuir para mais o engrandecerem.

Mas o seu trabalho não cansa, e a prova d'isso está no sr. conde de Agrolongo que, regressando á patria, nem por isso esqueceu aquella instituição portugueza de que fez parte e que em seu coração acompanha ainda, enviando-lhe como grata lembrança um busto do Rei de Portugal e ao mesmo tempo uma obra d'arte d'um artista portuguez.

A Sociedade de Beneficencia Portugueza do Rio de Janeiro é uma das instituições mais antigas, fundada por portuguezes no Brazil.

A sua fundação data de 1840 e no seu hospital, teem sido tratados mais de 120:000 portuguezes. A sua despeza mensal é de 30:000\$000 de réis fracos, pelo que se póde avaliar da importancia do seu rendimento.

Actualmente é presidente d'esta Sociedade o sr. commendador Manuel Antonio da Costa Pereira; secretario o sr. Cunha Vasco; thesoureiro o sr. commendador Cypriano d'Oliveira; syndico o sr. commendador Clemente Botelho de Almeida e provedor o sr. Julio Ferreira Vianna.

Inauguração do Centro Nacional de Esgrima

Com a assistencia de Suas Magestades e Altezas, corpo diplomatico e muitas damas e cavalleiros da nossa sociedade mais distincta, realisou-se no dia 6 a sessão inaugural do Centro Nacional de Esgrima no salão nobre do Real Theatro de S. Carlos.

Foi uma festa brilhantissima a que a direcção do sr. Conde de Paço do Lumiar imprimiu um requintado tom de elegancia e de fino gosto artistico, desde a ornamentação das salas e das escadas até á forma como todos os executantes do magnifico programma foram recebidos e obsequiados por S. Ex.^a.

A festa constou de assaltos de florete, espada e sabre intervallados com trechos de operas cantados pelas sr.^{as} Palermy Lery Adriana e D. Cisneiro Eleonora e pelo sr. Signarmi Francesco.

Nos assaltos tomaram parte os srs. Antonio Martins, G. Breittmayer, Candido Fernandes, Horacio Ferreira, Eduardo Ferreira de Castro, Antonio Martins Junior, Sebastião Heredia, Domingos Centeno Luiz Martins, Carlos Gonçalves e José Pires, distinguindo-se o professor Horacio Ferreira, Carlos Gonçalves, Ferreira de Castro, Martins Junior, Luiz Martins, Antonio Martins e G. Breittmayer, um dos mais notaveis esgrimistas francezes.

O assalto de florete em que tomaram parte os dois distinctos professores Antonio Martins e Breittmayer foi especialmente o que mais interesse despertou, apezar de todos os outros numeros haverem sido executados com inexcédível mestria.

E' que effectivamente não se sabia que mais admirar se a destreza dos combatentes se a firmeza dos seus botes e a serenidade com que oppunham a defeza. Por vezes este assalto desper-

tuou entusiasticos e unanimes applausos de toda e sala, sendo os dois professores muito felicitados quando elle terminou.

Nos trechos das operas cantados, igualmente os interpretes se houveram por modo a merecer os applausos dos assistentes.

Foi para esta sessão inaugural do Centro Nacional de Esgrima que o distincto *sportsman* sr. conde dos Oliveas e de Penha Longa offereceu um magnifico premio artistico: um *cup* ou taça de prata admiravelmente cinzelada e que constitue uma delicada distincção com que S. Ex.^a quiz honrar o Centro Nacional de que é socio.

Além de um grande cultor da arte por que a sua variada illustração o tem apaixonado, S. Ex.^a cultiva o *Sport* com inexcédível interesse a ponto de na corrida *Paris-Madrid* em que S. Ex.^a tomou parte, continuando-a de Madrid a Caceres, de Caceres a Castello Branco, Alfarrarede e Lisboa, ter marcado uma das datas mais brilhantes nos annaes do automobilismo.

S. Ex.^a possui o que ha de mais rico e elegante em automoveis, e a sua colleccão de medalhas e gravuras é uma das mais completas e ricas que se conhece.

Na Sociedade do Tiro aos Pombos, é tambem o sr. Conde dos Oliveas e de Penha Longa um dos mais dedicados auxiliares, tendo já offerecido para serem disputadas como premio magnificas taças de prata para as festas sempre brilhantes d'aquella sociedade.

A taça do anno findo foi ganha por Sua Magestade El-Rei que tem por S. Ex.^a a consideração que lhe merece o seu caracter e os primores de educação que o distinguem.

A REVOLUÇÃO NA RUSSIA

A ninguem surpreendeu a noticia de que, afinal a grande excitação de animos e de ideias que ha muito lavrava no imperio moscovita, se evidenciasse nos tristes acontecimentos da madrugada de 22 de janeiro e nas successivas carnificinas, brutalmente auctorizadas e instigadas pelos defensores do imperio e pelos conservadores de leis e principios, que são quasi que uma humilhação para um povo que pretende ter logar honroso entre as nações civilizadas.

O que deu motivo agora a este rompimento de hostilidades com as instituições vigentes foi a questão operaria que se agravou, visto que ha muito as classes trabalhadoras procuram reivindicar os seus direitos, que são ali por demais deprimidos.

Seguem-se de perto a questão politica que procurando a todos os instantes ensejos de se manifestar, teve a expressão propria do momento em que as ideias liberaes se encontraram frente a frente com as ideias absolutistas em luta de vida ou de morte, uns em prol d'esse ideal que acompanha a evolução progressiva dos seculos, outros por essa sombra que já foi luz, e cujo crepusculo se vae apagando nas trevas do passado, com o desespero enraivecido dos que se veem irremediavelmente condemnados ao ostracismo.

O partido liberal na Russia é grande e forte, como forte é a resistencia que oppõem á sua expansão, e, como o mar que cumprim do sae fóra dos diques, assim elle irrompe e alastra, ameaçando de levar na sua torrente caudalosa todo o velho mundo de preconceitos que está cavando a decadencia d'esse imperio colossal.

Incitou tambem os animos á revolta o discontentamento geral pelos successos da guerra, que todos de bom grado desejariam ver terminada e que já tem custado á Russia tantos milhares de victimas.

Por diversas vezes os governos dos differentes reinados teem tido necessidade de reprimir mais ou menos cruamente a acção dos partidos avançados:

Essas repressões, porém, não suffocaram os gritos de revolta que de epoca para epoca mais ameudados se tornam, vendo-se á frente dos partidos que a incitam, as intellectualidades mais em evidencia na Russia, como Maximo Gorki e muitos outros escriptores, jornalistas e professores de cursos superiores das universidades do imperio.

Antes do movimento grévista de agora outro houve, tambem reprimido pelas armas; foi o dos paes dos reservistas que o governo chamou para enviar para a Mandchuria. Essa rebellião custou muito sangue.

Os revoltosos no seu protesto, e querendo oppôr-se á partida dos reservistas, chegaram em alguns pontos a destruir as linhas ferreas, sendo estas, na Polonia, levantadas na extensão de cinco milhas.

resultarem dos estudos d'essa comissão não forem rasgadas e amplas, destinadas a fazer uma modificação radical nas leis fundamentaes do imperio, se essa comissão não for sincera e procurar apenas illudir as justas aspirações do povo russo, o clamor da sua justiça será mais vehemente e mais terrivel, n'uma epoca não muito distante e então a responsabilidade d'esse cataclysmo será dos que, podendo agora travar o carro o deixarem correr arrebatadamente á beira d'um precipicio, embora para evitarem a queda o procurem encher de cadaveres.

Entretanto a tropa vae carregando sobre o povo e enchendo de cadaveres as praças de S. Petersburgo, que são outras tantas victimas sacrificadas a causa da liberdade, que mais cedo ou mais tarde virá a triumphar.

Para reprimir a revolução na Polonia, o Czar nomeou seu tio o gran-duque Sergio para governador de Moscow. Para general em chefe do exercito nomeou seu fio o gran-duque Valdimiro, procurando, emfim, por todos os modos assegurar a estabilidade do imperio.

Não devemos fechar este artigo sem fazer referencia ao protesto dos estudantes de todas as escolas da capital e do que foi lavrado pelos artistas e homens de letras, contra a prisão de Maximo Gorki, do qual se chegou a dizer que seria condemnado á morte por causa dos ultimos acontecimentos de S. Petersburgo.

Maximo Gorki é um escriptor distincto, uma das maiores glorias da Russia, mas é, a par de um grande talento um revolucionario insubmisso.

A noticia, pois, não podia deixar de causar a todos que cenhecem o alto valor de Maximo Gorki um grande sobresalto e temor pelos dias do intenso prosador russo que estava para ser enforcado.

Já estavam escriptas as linhas precedentes quando o telegrapho transmitiu a noticia de um attentado contra a vida do gran-duque Sergio.

O governador de Moscow foi victima de uma bomba explosiva que lhe arremessaram para dentro da carruagem em que elle ia, proximo ao palacio da justiça.

A bomba foi atirada por um homem que se apeou com outro de um trem de praça que esperava a carruagem do gran-duque.

A carruagem voou em estilhaços, tendo os cavallos fugido com o jogo dianteiro, ficando estendido no solo com o corpo decepado o gran-duque cuja morte devia ter sido instantanea.

O gran-duque Sergio-Alexandrovich era tio do Czar, e nasceu em 29 de abril de 1857.

Era tenente general e ajudante de campo do Czar, governador geral de Moscow, chefe do 2.º batalhão de caçadores da guarda e do regimento 38 de Infantaria de Tobolsk, do regimento 5 de granadeiros de Kiew, coronel proprietario do regimento de infantaria austriaco n.º 101, chefe do regimento prussiano de uhlanos n.º 3, à la suite do regimento de infantaria 115, membro do conselho do imperio, cavalleiro das ordens de Santo Humberto, do Elephante, da Annunciada, dos Seraphins, balio e gran-cruz de honra da ordem soberana de Malta, etc.

Casou-se em S. Petersburgo a 3 de junho de 1884 com Isabel Feodorovna, princeza de Hesse e do Rheno, que nasceu a 20 de outubro de 1864.

PARA SEMPRE

Branca amava Raymundo. De vinte annos apenas, orphan, mais nova do que seus irmãos, Branca de Puryls votára-se, de todo o coração, aos pequeninos engeitados da sua raça e para elles vivia, enclausurada na velha casa, negra moradia



CONDE DOS OLIVARES E DE PENHA LONGA

A revolução estendeu-se a Varsovia, a Helsingfors, Libau, Saratoff, Sebastopol, Riga, Vilna, Radowete.

Um ecclesiastico bastante popular em S. Petersburgo e que exercia o cargo de esmoler da prisão dos deportados, certamente conhecendo de perto as miserias e as humilhações do operariado, foi visto á frente dos grévistas, incitando-os á reivindicação dos seus direitos e á insistencia nos seus protestos, esse ecclesiastico foi o pope Gaponi, que dias depois era destituído de todas as suas funções ecclesiasticas e do cargo que exercia.

Jorge Gapon tem trinta e cinco a trinta e seis annos e' de figura mediana e typo meridional. Filho d'um simples campones da provincia de Potalva, foi pastor nos seus primeiros annos.

Na escola da aldeia as suas brilhantes aptidões attrahiram a attenção dos professores, e inspirando ao pae estes resultados o desejo de continuar a educação do filho, fel-o entrar no seminario de Potalva.

Ainda estudante e por causa das suas ideias avançadas foi expulso da quarta classe do seminario, tornando ahi a ser admittido e concluindo afinal n'esse estabelecimento os seus estudos. O interesse que elle manifestava pela politica valeu-lhe no seminario apenas uma nota de *sufficiente*, e isso fez com que se lhe fechassem as portas da Universidade onde tencionava continuar estudando.

Seguindo as doutrinas de Tolstoi e escolhendo a vida sacerdotal para melhor servir o povo, foi para S. Petersburgo conseguindo entrar na Academia de Thedepia.

Em S. Petersburgo, relacionou-se com os operarios das fabricas sobre os quaes tem decidida influencia, como o deixou provado nos ultimos acontecimentos.

A gravidade, porém, da situação decresceu; o czar comprehendendo que não é com sangue que melhor se cimentam as bases dos thronos, nomeou uma comissão para estudar a questão politica e attender aos protestos do operariado.

Quanto a nosso ver, porém, se as reformas que



TAÇA OFFERECIDA PELO SR. CONDE DOS OLIVARES E DE PENHA LONGA AO CENTRO NACIONAL DE ESGRIMA

Inauguração do Centro Nacional de Esgrima

A REVOLUÇÃO NA RUSSIA



GRAN-DUQUE VALDIMIRO
GENERAL EM CHEFE DO EXERCITO RUSSO



GRAN-DUQUE SERGIO
GOVERNADOR MILITAR DE MOSCOW

perdida no centro das terras que constituíam a sua herança, além do nome.

Ali permanecia resignada, para viver sempre martyr voluntaria, das alegrias mundanas, mas feliz ainda, porque a sua renuncia assegurava um futuro áquelles de quem se instituiria mãe.

Branca dava conta da tarefa que acceitára. O medico da aldeia auxiliava-a n'isso e mantinha a pobre menina com a sua prudencia e empregando os seus ocios na educação dos orphãos.

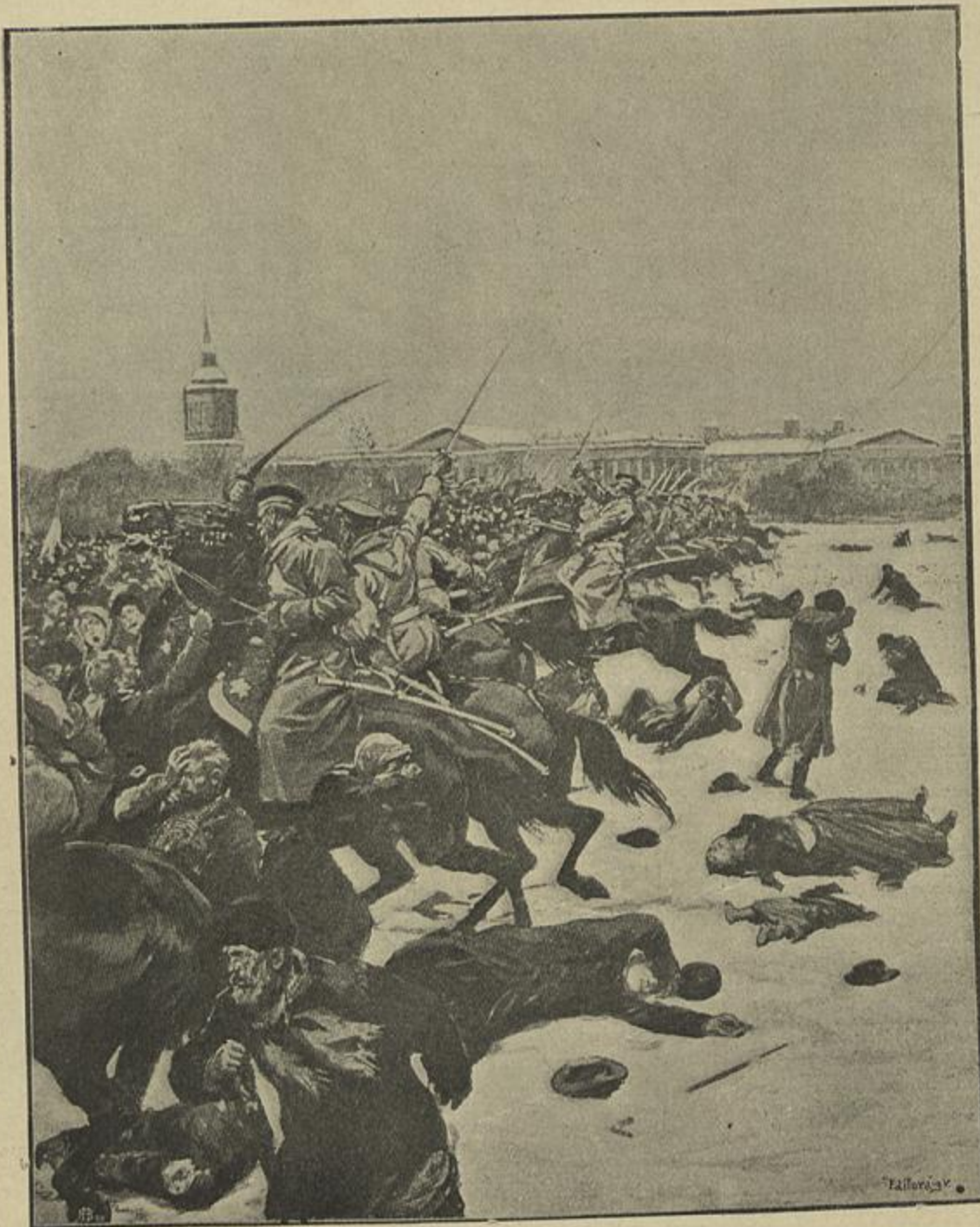
Branca só via n'essa solidão uma velha amiga de sua mãe, a senhora de Armeilh, viuva d'um fidalgo que tinha empregado a sua fortuna na criação de uma fabrica de vidros.

O honrado homem esperava ter um futuro sorridente, quando, bruscamente, a morte o surpreendeu.

Deixára só um filho, Raymundo, novo official de engenharia.

Não hesitou em terminar com uma carreira tomada por vontade, para ir ao chamamento de sua mãe e recolher o trabalho do pae. Não avaliou bem o seu novo dever com as esperanças até então. Raymundo obedeceu ao amor filial, ao culto devido ao homem que tudo lhe legára, e a sua honra para salvaguardar.

Almas de sacrificio e de vontade, Branca e Raymundo, atraíram-se invencivelmente. Uma sympathia espontanea nascida de dous corações virgens, ligou-os sem que tivessem receio d'uma espe-



A CAVALLARIA RUSSA CARREGANDO SOBRE O POVO

rança mais terna. O seu dever na vida, a sua consagração áquelles por quem luctavam, parecia-lhes negar o direito do seu amor.

Amavam-se inconscientemente. Por muito tempo o ignoraram.

Apezar de todos os esforços de Raymundo, os negocios periclitavam. Effectivamente o senhor de Armeilh não se tinha estabelecido sem elementos de boas saídas. Mas a distancia do logar de producção e de qualquer via ferrea, exigia muitos meios de transporte que não deixavam luctar com a concorrência das fabricas melhor situadas.

As sombrias preocupações cavadas na frente do honrado moço, commoveram e affligiram Branca, porque elle não ousava falar dos negocios, e esta viu-se um dia surprehendida, a pensar:

—Não sou sua irman! Serei a sua confidente, a sua animadora! A mãe não me conhece! Raymundo sofre duplamente no orgulho e no coração... Oh! sim, se fosse sua irman!... Ter-me-hia para amál-o! — Estas palavras admiraram-n'a — Mas amo-o!

Queria esquecer-se, mas o amor impunha-se mais evidente; jurou silencio e a sua alma, muito resoluta por este pensamento, conheceu a alegria secreta de amar Raymundo, contentar-se com a ternura simples, de falar n'elle perante Deus! Ah! Então estava só, quando offerencia em holocausto todas as felicidades para ter a do seu unico amor!

A REVOLUÇÃO NA RUSSIA



O POPE GAPONE A FRENTE DOS GREVISTAS

E comtudo, esta felicidade não seria a sua obra...

Uma tarde, Branca só, com os seus irmãosinhos deitados ao pé do fogão, pensava, e de entre as brazas apparecia o seu sonho: o seu coração oppresso, dilatava-se em ternura; elevava-se para a felicidade que um olhar de Raymundo entrevira, porque, sem as suas bocas se confessarem, as almas comprehendiam-se, ligavam-se e pertenciam-se!

De subito, a creada abriu a porta e Raymundo appareceu. Branca assustou-se, afflicta e esperançada:

— Tu?!...

O moço firmava-se, muito pallido, mas, fazendo um esforço, com a garganta contraída, disse:

— Venho aqui para me despedir de ti!

— Parto?...

— Parto!...

— Para longe?... Por muito tempo?...

— Para sempre!...

O desespero de Branca fêl-a expedir um grito:

— Raymundo!

— Expatrio-me. Estou arruinado! Minha mãe conheceria a miseria se eu recusasse o logar lucrativo que me foi offerecido... na India!

— Oh! — exclamou a pobre creança, marejando-se-lhe os olhos de lagrimas.

— Branca! Branca! — disse Raymundo, ajoelhando-se aos pés d'ella, — sabes bem que o meu trabalho correspondeu á minha vontade.

Ah! Não me desanimes; tu que te sacrificas por teus irmãos, és digna de comprehender-me!

Branca soluçou:

— Sim, renunciar á alegria de ser a amada, de ser feliz contigo, mas não para te deixar de ver!

— O' minha idolatrada! — exclamou o moço, enlaçando-a nos braços e esquecendo-se de tudo no extasi d'aquella confissão.

A um esforço levantou Branca e apertou-a estreitamente ao peito, mas antes que o beijo de Raymundo tivesse attingido os seus labios, livrou-se dos seus braços, louca de dor, de felicidade enganada, de perigo, ao mesmo tempo infernal e divino.

— Não, não, parte! — murmurou ella. — Tenho medo!

— Branca!

A donzella estava de pé, martyrisando o coração.

— Fiquemos dignos um do outro! Filho, tens tua mãe! Irman, adoptei os meus irmãos orphãos! Separam-nos! Adeus, diz-me adeus!

Raymundo insurgiu-se:

— Basta de sacrificios! Amamo-nos!... Que nos importa os outros!...

Branca afastou-o com o gesto.

— Egoista! Não mais te amarei.

— Perdoa-me!... Soffro tanto!... Preciso não te perder!...

— E' preciso: parte!

— Se parto é para sempre!

Branca cambaleou, mas disse com voz firme. — Parte!

Elle abanou a cabeça, quiz tomar-lhe das mãos, mas a donzella recuou; a sua physionomia traiu o orgulho ferido.

Raymundo curvou-se e recuou; no limiar da porta hesitou ainda, mas o gesto de Branca repele-o sempre.

Bruscamente desapareceu em corrida desenfreada.

Branca ficou a ouvir extinguir-se os passos, de ouvido attento para reter os ultimos echos.

O ruido dos passos terminou depois do ruido da porta a fechar-se.

Então, de joelhos, chorosa, estendeu os braços implorantes, dizendo:

— Partiu para sempre!... Amado para sempre!... Para sempre!... Para sempre!...

Trad.

Henrique Marques Junior.

CANÇÕES DA ARADA

Homenagem a Custodio Cabeça — Conto em verso, por João Bezelga. — Gentilmente offerecido por João Bezelga, alma d'ouro, bom rapaz, bello cavaqueador, com todos os requintes da



OS GREVISTAS LUTANDO COM A TROPA, NA PRAÇA DO ALMIRANTADO EM S. PETERSBURGO

extrema delicadeza e amabilidade, e poeta appareceu sobre a nossa banca um livro de versos lindamente encadernado, e, embora o frontispicio traga a data de 1903, este livro saiu em 1905.

O motivo que levou João Bezelga á publicação das *Canções da Arada*, dil-o elle no prefacio que precisamos de anteceder com uma breve explicação para melhor aiscernimento das palavras que d'elle abaixo transcrevemos. A João Bezelga, o conhecido pharmaceutico do Bairro Andrade, auctor do *Tira-callos*, adoeceu gravemente sua extremosa mãe; consultou varios medicos e nenhum cuidou de salvar o ente querido. Correu ao encontro do celebre operador Custodio Cabeça que conseguiu praticar um acto de heroismo — devido á sua reconhecida pericia — salvando-lhe a boa mãe. Seguem agora as palavras de Bezelga.....

... A homenagem, porém, que desejava prestar a um homem tão illustre, exigia-me um sacrificio: escolhi este como o maior que devia e podia fazer. Peguei do metro, apressadamente, fiz d'elle agulha e comecei a alinhar uns versos nos outros a ponto de sacca — e a costura resente-se da pressa: «...»

Bastava esta maneira de se mostrar grato, para que todos os defeitos, que o livro tenha, desapareçam, afim de que a ideia só por si fique sympathica e significativa de quanto João Bezelga está penhorado para com Custodio Cabeça.

Extraímos á toa uma poesia para que os nossos illustrados leitores façam uma ideia do que é o livro — *Canções da Arada*.

A SUA BENÇÃO

Mão de Pae! Mão honrada e sacrosanta,
Amparo desde o berço, alento e guia!
A fonte de trabalho e de alegria!
Vem cá: nos labios meus o beijo canta!

Mil beijos cada verso, em furia tanta,
São atomos do Pão que noite e dia
Na luta moirejaste em romaria:
Instrução! Pão da alma — que a levanta!...

Castigo fraternal que me applicavas!
Dizendo castigar, calmo affagavas,
Antes de ajoelhado me ter' visto,

E erguias-me no ar qual hostia benta!...
Eu ajoelho á benção que alimenta,
O' dedos d'esta mão — Chagas de Christo!

Não contente com isso, João Bezelga encarregou o nosso querido amigo, Alfredo David para lhe fazer as encadernações que — diga-se em abono da verdade — são das mais *chics* que têm saído das acreditadas officinas de encadernação de Alfredo David, o primeiro encadernador do paiz. Nada mais podemos dizer sobre o merito da obra porquê, alem de não termos auctoridade



JOÃO BEZELGA

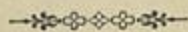
para tal empreendimento, escasseia-nos o espaço. Norte Junior, um architecto de certo nome, illustrou algumas producções do livro a que nos vimos referindo.

Para complemento da noticia apresentamos

aos nossos leitores a insinuante physonomia de João Bezelga, a quem reconhecidamente reiteramos os nossos agradecimentos pelo exemplar que teve a amabilidade de enviar-nos com uma penhorante dedicatória.

XXII-1-CMV

Henrique Marques Junior.



A natureza e seus phenomenos

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

III — GAZES

(Continuado do n.º 934)

Nos solidos a velocidade do som é ainda maior que nos liquidos.

O som prolonga-se sempre em linha recta. Encontrando, porém, um obstaculo, soffre um desvio. E' o que se chama reflexão do som.

A reflexão do som explica-nos igualmente o *echo*.

Echo é a repetição de um som, ouvido directamente. Um individuo collocado em frente de um obstaculo reflectido ouve, sem demora, uma palavra que pronuncie. Para se produzir o *echo*, é necessário que esse obstaculo esteja a 34 metros do productor do som.

Se, apenas se pronunciar um som breve, e não uma syllaba, o *echo* produzir-se-ha á distancia de 17 metros.

Em distancias menores do que 17 metros, o som reflectido sobrepõe-se, mais ou menos, ao som directo, augmentando-lhe a intensidade e duração, e produzindo-se o que se chama *resonancia*.

O som pausado de um meio para outro, soffre a *refracção*, em vez da *reflexão*.

Refracção do som é o desvio que um raio sonoro experimenta quando passa de um meio para outro.

— Baseados no reforçamento e conductibilidade do som, nos tubos foram imaginados o *porta-voz*, e a *corneta acustica*.

O *porta-voz*, como a palavra o indica, é destinado a transmittir o som a grandes distancias.

E' um tubo de folha de Flandres, levemente conico, muito aberto n'uma das extremidades (pavilhão), terminando, no outro extremo, por um bocal onde se pode ajustar a bocca, sem impedir o movimento dos labios.

Quanto maior fôr o *porta-voz*, quanto maior será a distancia a que propaga a voz. Os effeitos do *porta-voz* explicam-se em geral por uma serie de reflexões successivas dos sons sobre as paredes do tubo, as quaes tendem a propagal-o cada vez mais, seguindo uma direcção paralela ao eixo do instrumento. Objectou-se, porém, que os sons emitidos pelo *porta-voz* não são reforçados unicamente na direcção do seu eixo, mas em todas as outras.

Os effeitos do *porta-voz* explicam-se por um reforçamento produzido pela columna d'ar, dentro do tubo, a qual se vae vibrando á maneira que se falla pelo bocal.

A *corneta acustica* serve para as pessoas de ouvido duro.

E' um tubo conico de metal, terminando n'um dos extremos, em pavilhão, o qual recebe o som emquanto o outro se mantém introduzido no ouvido. A explicação theorica d'este aparelho é identica á do *porta-voz*.

O som cujo valor o nosso ouvido pode apreciar, denomina-se *som musical* — Os que são produzidos por maior numero de vibrações, denominam-se *agudos*; os que são produzidos por menor numero de vibrações *graves*.

Considerados em relação ao grau de agudeza ou gravidade, denominam-se *tons*.

Fixando uma corda pelos seus extremos, dando-lhe grande tensão e friccionando-a com um arco de rabeça esta vibra.

Submettendo duas cordas de igual diametro á mesma tensão, sendo estas de metaes diversos, observaremos que o numero de vibrações d'estas, estão na razão inversa da raiz quadrada da sua densidade.

Se fizermos variar a tensão de duas ou mais cordas, constataremos que o numero das suas

vibrações é proporcional á raiz quadrada da sua tensão.

O som produzido por uma corda em toda a sua extensão, é um som natural. Dividindo essa corda e fazendo-a vibrar, obtemos os sons harmonicos.

Como a corda pode ser dividida infinitamente, assim a serie das harmonicas é illimitada.

O accorde mais simples é o *unisono*, cujo intervalo é igual a 1, e a seguir, a *oitava*, cujo intervalo é igual a 2.

A *escala musical* ou *gamma* compõe-se de uma serie de sons, cada vez mais agudos, partindo do som natural. São estes: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó.

A escala de musica é a serie de sons obtida pela reproducção de varias gammas. Passa-se de uns sons de uma gamma para os correspondentes da gamma superior, multiplicando por 2, o numero de vibrações, e para a gamma inferior, dividindo esse numero, por 2.

D'aqui, o dizer-se que de mi a fá, e de si a dó, ha só meio tom, emquanto que, nos outros intervallos se diz, que, entre elles, existe um tom.

Temos que distinguir nos sons, a *altura*, a *intensidade* e o *timbre*. A *altura* de um som depende do seu numero de vibrações, no fim de um certo tempo. Dois sons da mesma altura, denominam-se *unisonos*.

Intensidade do som é, como dissemos, a qualidade que faz com que elle seja ouvido a maior ou menor distancia, dependendo este facto, da amplitude das vibrações. Já d'ella nos occupamos.

Resta-nos, pois, dizer, algumas palavras sobre o *timbre*.

O *timbre* é a qualidade que distingue sons da mesma altura. Assim, o som do oboé, é distincto do da flauta, e, igualmente, na voz humana, se distinguem varios typos de voz.

(Continua)

Antonio A. O. Machado.

A FAIXA SARAPINTADA

POR

Conan Doyle

(Continuado do n.º 940)

A nossa cliente corrêra a encontrar-nos com a alegria estampada no rosto.

— Esperava-os com tamanha impaciencia! exclamou apertando-nos calorosamente a mão.

Corre tudo ás mil maravilhas. O doutor Roylott foi á cidade e provavelmente não estará de volta antes da noite.

— Tivemos o gosto de travar conhecimento com elle, disse Holmes. E em breves palavras, contou a entrevista. Miss Stoner poz-se branca como a cal.

— Santo Deus! exclamou.

— Com que, então, seguiu-me?

— Manifestamente.

— E' tão astuto que nunca estou descançada.

Que dirá elle quando voltar?

— Que olhe por isso, pois se arrisca a encontrar passaro mais fino do que elle. Não se esqueça, esta noite, de dar volta á chave da porta do seu quarto. Se elle tentar valer-se de meios violentos, levá-la-emos para casa de sua tia, em Harrow. E agora, urge não desperdiçar tempo, mostre-nos desde já os aposentos que temos que examinar.

A construcção era de pedra cinzenta, manchada de lichen, com um torreão central um tanto alto, e duas alas semi-circulares de cada lado. Em uma destas, as janélas achavam-se em mau estado e tapadas com taboas, e o telhado, deruido, em parte, imprimira áquelle lanço o aspecto de ruina. Não se achava em melhor estado o corpo central, mas a ala direita parecia ser obra relativamente moderna; cortinas nas janélas, fumo azulado a sair pelas chaminés eram indicio de ser habitado aquelle lanço. D'incontro á parede da empêna, via-se um andaime, e a propria parede estava esburacada, supposto não trabalhasse ali um unico obreiro. Holmes passeou cá e lá no terreiro relvado, mal cuidado, aliás, e observou com a maxima attenção as aberturas exteriores.

— Aquella janéla, se me não engano, é a do

seu quarto; e a do meio, a do quarto de sua irmã, e a que fica mais chegada ao torreão central a do quarto do doutor Roylott?

— Tal qual. Actualmente, porém, durmo no quarto que fica no meio.

— Em quanto durarem os trabalhos, segundo presumo. A proposito, não me parece que houvesse urgência em concertar esta parede?

— Nenhuma, absolutamente; afigura-se-me que será um méro pretexto para me obrigar a mudar de quarto.

— Deveras? Não deixa de ser suggestivo isso que diz. E quanto ao outro lado deste lanço, é todo elle cortado por um corredor e abrem sobre este todos os quartos. Supponho que terá janélas?

— Tem, mas são muito pequenas, estreitas de mais, até, para facultar passagem a alguém.

— Em todo o caso, visto que fechava á chave ambas as portas, durante a noite, esse lado deixava de ser accessivel. Quer ter a bondade de ir ao seu quarto e de fechar por dentro os postigos?

Obedeceu miss Stoner, e Holmes, após de haver procedido a meticuloso exame da janéla, aberta, tentou a todos os meios possiveis de forçar o postigo, sem o conseguir. Não havia uma só grêta pela qual se pudesse insinuar a propria folha de uma faca afim de levantar a tranca. Auxiliando-se da lente, prescruitou de perto os gonzos, estes, porém, eram de ferro grosso e solidamente sellados na cantaria.

— Hum! emitiu com ar perplexo, coçando a barba, pecca pela base o meu raciocinio. Ninguém seria capaz de entrar por aqui achando-se fechados estes postigos. Vejamos se examinando o quarto internamente não encontraremos qualquer indicio.

Uma porta baixa e estreita dava accesso para o corredor caído para o qual abriam os tres quartos. Holmes não quiz examinar o terceiro, e passámos desde logo ao segundo, habitado actualmente por miss Stoner, e onde se finára a irmã desta. Era um bonito quarto, com o tecto um tanto baixo, e uma chaminé larga, como as que amiude se encontram em casas velhas. A um canto, uma commoda de cor escura, ao outro, uma cama estreita, pintada de branco, e á esquerda da janéla, um toucador. Estes tres moveis, duas cadeiras pequenas, de verga, e um retalho de alcatifa Wilson constituam a unica mobilia do aposento.

Vestiam as paredes uns apainellados de carvalho brunido, carunchosos, tão velhos e desbotados pelo tempo que deviam datar da propria construção. Holmes empurrou para um canto a uma das cadeiras, sentou-se, infronhou-se no mais absoluto silencio, prescruitando a todos os cantos e recantos do aposento afim de imprimir na mente os minimos pormenores.

— Para onde communica aquella campainha? indagou, por fim, apontando para um cordão pendente á cabeceira do leito, e cuja péga cahia sobre o travesseiro.

— Para o quarto da escada de todo o serviço.

— Parece mais novo aquelle cordão que o resto da mobilia.

— E' effectivamente, foi posto ali haverá uns dois annos, quando muito.

— Supponho que seria a pedido de sua irmã?

— Não foi, nem creio que haja feito uso delle. Estavamos afeitadas a prescindir da criada.

— Sendo assim, não valia a pena pôr ali um cordão de campainha tão garrido. E agora, se me dá licença, procederé ao exame de sobrado...

Deitou-se de bôrco e, auxiliando-se da lente, estudou minuciosamente as fendas entre as taboas do sobrado. Examinou do mesmo modo os apainellados da parede. Depois, acercou-se do leito, mirou-o por todos os lados e fez o mesmo á parede a que estava encostado o leito. E por fim, deitou a mão ao cordão da campainha e puxou-o de repellão.

— Ora esta! é fingido!

— Como assim! Pois não toca?

— Não, nem sequer está prêso a nenhum arame. Ah! ah! O caso vae sendo interessantissimo! Ora veja, o cordão está prêso a um gancho, por cima, exactamente, do respiradoiro.

— Mas isso é absurdo! Nunca tinha dado por tal!

— E' exquisito, muito exquisito! rosou Holmes, puxando pelo cordão. Ha uma ou duas coisas muitissimo singulares neste quarto. Por exemplo, quem seria o imbecil do architecto que se lembrou de estabelecer um respiradoiro entre dois quartos, quando o mais simples seria abri-lo na parede mestra?

— Foi tambem aberto recentemente, affirmou a joven.

— Calculo que datará da mesma época do cordão da campainha? accrescentou Holmes.

— Exactamente, n'essa occasião fizeram umas obras pouco importantes.

— E um tanto singulares, por signal: cordão de campainha fingido, e respiradoiro não dando vação ao ar. Com a devida licença, Miss Stoner, continuaremos as nossas investigações no outro quarto.

O quarto do doutor Grimesby Roylott era de maiores dimensões que o da enteada, mobilado porém com a mesma singeleza. Uma cama de campainha, uma estante pequena cheia de livros, obras scientificas, na maxima parte, uma poltrona junto do leito, uma cadeira de pau encostada á parede, uma mesa redonda e um avantajado cofre de segurança eram os principaes moveis do aposento, ao qual Holmes percorreu em redor examinando, um por um e com a mais escrupulosa attenção, a cada objecto.

— Que tem dentro? indagou batendo no cofre.

— Papeis e documentos de meu padraсто.

— Ah! . . Já os viu?

— Uma unica vez, ha annos. Lembro-me de que estava cheio de papellada.

— Não estará lá dentro algum gato, por acaso?

— Não, que eu saiba. Que ideia tão estrambótica!

— Parece-lhe? . . Ora veja isto.

E apontou para um pires, cheio de leite, que estava em cima do cofre.

— E' coisa que não existe cá em casa. Mas temos uma panthera e um bugio.

— Sim, sim! não ha duvida!

Na essencia a panthera é apenas um especime avantajado da especie felina. Um pires de leite afigura-se-me, porém, não ser bastante para a contentar. Existe ali dentro seja o que for em que eu desejaria confirmar-me.

Agachou-se na frente da cadeira de pau, e examinou o assento com a mais escrupulosa attenção.

— Obrigado. Não me restam duvidas, emitiu, erguendo-se e voltando a metter na algibeira a lente. Olé! cá está um objecto interessantissimo!

E apontou para um chicote de caçador, pendurado junto ao leito. A pita, comtudo, estava atada de modo a formar um nó corredio.

— Qual é a tua opinião a este respeito, Watson?

— Que é um chicote, como qualquer outro. O que nao percebo é a razão porque a pita se acha atada dessa maneira.

— Isto, só por si, não é já caso demasiado commum, ao que me parece? Ah! meus caros amigos, o mundo é coisa ruim! E, quando um homem póe a sua intelligencia ao serviço do crime, ha que esperar as peores infamias: Creio ter visto o sufficiente, Miss Stoner, e agora, se nos dá licença, vamos examinar o predio pela banda de fóra.

Não me lembrava de ter visto o parecer do meu amigo denunciar tamanha preocupação como quando, todos juntos, nos transferimos do campo das suas investigações. Tanto eu como Miss Stoner palmilhámos cá e lá por vezes successivas a relva do terreiro sem nos atrevermos a interromper-lhe as cogitações, eis senão quando, elle proprio quebrou o silencio.

— E' essencial, miss Stoner, proferiu, que siga exactamente e nos mais insignificantes pormenores, as instrucções que vou transmittir-lhe.

— Cumpril-as-ei pontualmente, pode estar descançado.

— E' gráve em demasia o caso para quaesquer hesitações. A sua vida corre perigo.

— Confio absolutamente no senhor.

— Em primeiro lugar, tanto eu como este meu amigo, temos que passar esta noite no seu quarto.

O assombro de miss Stoner igualou o meu.

— E' indispensavel, repito. E dir-lhe-ei porquê aquella casa que vejo além é a estalagem da aldeia?

— E', a estalagem da Corôa.

— Muito bem. D'ali devem ver-se as suas janélas?

— Certamente.

— Vae recolher-se ao seu quarto, a pretexto de enxaquêca, assim que seu padraсто estiver de volta.

Depois, á noite, mal que elle se recolha tambem, abrirá os postigos, empurrando a janéla sem correr o fecho: collocará a sua luz por detrás dos vidros, para nos servir de signal e retirar-se-á

para o seu antigo quarto, com tudo aquillo que lhe fór preciso para se deitar.

Quer-me parecer que, apezar das obras, não deixara de poder pernoitar nelle uma noite.

— Decerto! Não ha a minima duvida.

— E o resto, comnosco.

— Mas quaes são as suas tenções?

— Passarmos a noite no seu quarto, para descobrir a causa do ruido que a tal ponto a assustou.

— Creio, senhor Holmes, que já se acha orientado, declarou Miss Stoner pondo-lhe a mão sobre o braço.

— Talvez.

— Então, em nome de quanto ha de mais sagrado, diga-me qual foi a causa da morte de minha irmã.

— Prefiro ter provas mais seguras antes de que me pronuncie.

— Sequer ao menos, porque me não diz se teei razão de acreditar que morreu de susto?

— Não me parece e acredito que haveria uma causa mais tangivel. E agora miss Stoner, urge que nos retiremos, pois se acaso regressasse o doutor Roylott e nos encontrasse aqui, malograria-se a negociação.

Até mais ver, e tenha animo; lembre-se de que se fizer o que eu lhe disse, deixará de a ameaçar o minimo perigo.

(Continua)

M. Macedo.

NECROLOGIA

JOSÉ DO PATROCÍNIO

O telegrapho communicou ha dias com o costumado laconismo, á imprensa de Lisboa e do Porto, a morte do notavel democrata brasileiro José do Patrocínio.

Ha 21 annos, no nosso numero 198, de 21 de julho de 1884, démos n'esta revista pela primeira vez, o retrato do distincto escriptor fluminense e proprietario da *Gazeta da Tarde*, acompanhado d'umas linhas de Gervasio Lobato, consagradas a saudal-o n'uma visita de passagem que elle n'esse anno fizera a Portugal, em viagem de recreio e de convalescença.

Egualmente por occasião de ser abolida a escravatura no Brazil, em que José do Patrocínio teve uma parte tão activa e importante, de novo nos referimos ao notavel tribuno que na imprensa e nos comicios ao lado de Joaquim Nabuco, Teixeira de Araujo, Joaquim Serra, Theodorico Souto e tantos outros, tão energicamente se destacára na vigorosa propaganda em defeza d'essa generosa lei elaborada pelo sr. visconde do Rio Branco e assignada pela princeza imperial D. Izabel, então regente no Brazil durante a ausencia de seu pae o imperador D. Pedro II, que viajava pela Europa em procura de remedios para a sua saude depauperada. Esse numero do OCCIDENTE é o 341 de 11 de junho de 1888.

Não é, portanto, desconhecida dos nossos leitores esta grande individualidade sul americana sobre a qual se acaba de fechar a porta do seu tumulo.

José do Patrocínio foi pharmaceutico antes de se dedicar ao jornalismo, mas aqui a sua obra foi momentosa e deixou do seu nome uma recordação perduravel não só em todo o Brazil, mas em todo o mundo onde a civilisação tem levado as irradiações d'essa consoladora luz.

Os grandes ideaes dos povos, as grandes reivindicações sociaes fiveram em José do Patrocínio um dos mais acerrimos e denodados campeões.

A emancipação dos escravos no Brazil, esse seu grande titulo de gloria, resultou d'uma acção constante, vigorosa e persistente e n'essa lucta na imprensa, no comicio, no pamphleto, e no livro em que José do Patrocínio teve o seu valioso quinhão.

Prégando, evangelizando essa ideia grande, noble e sublime que collocou o Brazil a par das grandes nações civilisadas, José do Patrocínio percorreu de um extremo a outro a America do Sul, travou polemicas, expoz-se a perigos; e umas vezes com a sua palavra eloquente, outras com os rasgos da sua penna audaciosa, mas sempre persistente e firme ao seu fim, conseguiu o nivelamento das raças perante os principios da liberdade e da egualdade.

José do Patrocínio era homem de côr e no seu bem organizado cerebro e nas provas irrefutaveis que nos deu de ser um espirito superior, se

vê como esse preconceito de racas é absurdo e destituído de fundamento.

O ultimo jornal de José do Patrocínio foi a *Cidade do Rio*.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Estatu os do Centro Portu-
guez de Santos** (*Estado de S.
Paulo*).

**Estatutos dos Architectos Por-
tuguezes.**

A Tradição — *Revista mensal
d'ethnographia portugueza il-
lustrada.* — Temos continuado
a receber esta interessante re-
vista de que são directores os
srs. Ladislau Piçarra e M. Dias
Nunes.

Broteria — *Revista de sciencias
naturaes, do collegio de S.
Fiel.* Esta publicação continua
sendo dada com a maior regu-
laridade, encerrando bellos es-
tudos sobre flóra, arborisação e
tratando de muitos outros as-
sumptos de interesses scientificos
concernentes á sua especia-
lidade.

Desillusões. — *Canto amoroso.*
— Letra de Victorino Silva, mu-
sica de A. Mantua.

**Relatorio e contas da sub-
commissão de auxilio perma-
nente á viuva e filhos de Er-
nesto da Silva.** Maio de 1903 a
abril de 1904, 1.º anno de quo-



JOSÉ DO PATROCÍNIO

tisação — O relatorio dá conta
dos actos da gerencia da sub-
commissão e da fórma como
fez a applicação do capital re-
cebido. Naquelle data ficava em
deposito no Monte-pio Geral,
depois de pagas as despezas an-
nuaes 257.060 réis, sendo a
existencia dos subscriptores 634.

Alma Nova — *Mensario d'arte.*
— Sob a direcção de Marcelino
Correia e Ariosto Silva. Colla-
boram n'esta revista litteraria,
Arnaldo Pereira, Antonio Car-
valho, José Caldas, Alfredo Pi-
menta, Thomaz da Fonseca, etc.

Revista Azul. — Devéras inter-
essante o n.º 28, inserindo os
retratos da Sr.ª D. Emilia Sea-
bra de Castro, conselheiro José
Luciano de Castro, presidente
do conselho, conselheiro Eduar-
do A. Villaça, conde de Valen-
ças, João Pereira Cardoso, João
Miguel Rosa, Camara Manuel,
primeiro secretario da nossa le-
gação em Londres, conselheiro
Antonio Candido, Lopes de
Mendonça e Etelvina Serra, que
ha pouco fez a sua estreia como
atriz no theatro Avenida.

**Boletim official do xv congrès
international de médecine** — de
19 a 26 de abril de 1904. — E'
este o n.º 4 comprehendendo os
trabalhos das secções, dando
conta de diferentes communi-
cações sobre assumptos dos di-
versos themas. Publica tambem
uma lista dos comités nacionaes
de propaganda actualmente
constituídos em diferentes na-
ções.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e beziga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS | Senhoras — ás 10 horas da manhã
Homens — ás 3 . da tarde

LISBOA — Largo da Annuciada, 9 — LISBOA

BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS

Grande edição Faustino A. Martins

Praça de Luiz de Camões, 35 — LISBOA

A mais importante de Portugal em variedade, qualidade de cartão, es-
colha de assumpto e execução artistica, a mais bem accete no paiz e no es-
trangeiro.

Coloridos a 200 réis a duzia ou a 20 réis cada um

Em preto a 120 réis a duzia ou a 10 réis cada um

Ha maie de 1:300 modelos para escolher!!!

Bilhetes postaes em phantasia, grande sortimento a 20, 30, 40, 50 rs., etc.

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 71, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

**Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et Portugais**

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



**Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras**

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

DR

Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doenças da bocca e cor-
das del' nasas, clinica dentaria e collocação de dentes



Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.º

PASTOR, GOUVEIA & C.ª

Agencia geral no Brazil do

Correio da Europa

Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto.

161, Rua dos Ourives — RIO DE JANEIRO

Almanach illustrado do «Occidente»

PARA 1905

Sahiú a publico este magnifico annuario. e encontra-se á
venda em todas as livrarias. A capa é um lindo chromo, repro-
duzindo um typo de mulher do Minho, de um bello effeito, agua-
rella de José Leite.

Preço 200 réis e 220 pelo correio

Recebem-se encomendas na

Empresa do OCCIDENTE — Lisboa